

Escócia, 1746

I

Lillias salvou-se da carnificina porque, seis horas antes da batalha, viu o pai morto, como realmente ele haveria de morrer mais tarde. Atravessado pelas baionetas, de modo que os buracos na barriga vertiam sangue, bÍlis e excrementos. Tom Fraser estava em pé, tapando a entrada, espalhando como sempre a escuridão. Ela pensou que aquilo que tanto o feria era o surpreendê-la adormecida na cama de madeira, que se usava somente em três momentos de uma vida: parir ou ser parido, acasalar pela primeira vez e falecer. O pai mostrava o seu desgosto abrindo o corpo, falando pelas fezes arruivadas. Lillias queria esconder-se, mas sabia que um pecado de filha nunca mais desaparecia da visão de um pai. Arremeteu-lhe contra as pernas e passou pelo meio delas, tão pequena e azulada que isso lhe dava qualidades de animal. A sua camisinha esvoaçava como penugem ao sabor da ventania, enquanto ela corria e se afastava cada vez mais, sem se dar conta de que, em verdade, ainda nada sucedera.

Acabaria por acostumar-se e quando, anos depois, em Portugal, viu abater-se uma cidade inteira, levantou-se em silêncio do enxergão, fechou a trouxa e foi dormir para o jardim, sem avisar ninguém daquilo que iria passar-se mais à frente, de manhã. Pensou que, se falasse, criaria um estado tal de confusão que os acidentes começariam a acontecer antes de o terramoto os provocar. Estava, naquela altura, com quinze anos, mas aprendera a ser tão avisada que a precaução já lhe cortava o meio da testa com vincos próprios da maturidade.

Mas, por agora, vemo-la fugir na sua fuga de criança, destinada a fazer-se sentir naqueles que devem estar, naquele momento, a perdoar-lhe. Os seus pequenos pés irão batendo ao mesmo tempo contra o peito da família, e aqueles que a amam já estarão sangrando na pena de a buscar, tão esfacelados pelas neves da encosta que hão-de gritar, pedindo o seu perdão. Lillias não sabe exactamente onde se encontra, pisa ao acaso o gelo e os rebentos. O vento norte investe contra os troncos e atravessa a sua camisinha, fura-lhe a pele, como essa baioneta que vai abrir o estômago do pai.

O mês de Abril, que vai a meio, torna o frio um pouco mais difícil de entender, é um frio de oiro, e as novas criaturas deixam-se armadilhar pela beleza, afastam-se das mães, entontecidas com a poalha que sobre elas cai. Esta nossa menina, Lillias Fraser, começa aqui a sua dança do pavor, dá voltas cegas em redor das árvores, chora em silêncio porque não se atreve a misturar a voz com a floresta. Esquece agora a razão por que fugiu, aleija-se nas pedras, nas raízes, fere-se, ao meio-dia, como quem atravessasse o monte em plena noite. Por isso, quando cai e se apercebe de que o declive a vai levando para baixo, ela produz a sua própria escuridão, fechando os olhos, quase sem sentidos. Parece que aquele chão se fartou dela, de obser-

var o medo humano uma manhã inteira, porque a empurra como se ondulasse, ferindo-a um pouco mais, mas devolvendo-a à estrada, em baixo. E pensa que a salvou.

Há, com efeito, uma mulher que vai passando e que recolhe Lillias nos braços. E, no entanto, o som do sofrimento ainda paira sobre o ar, incomodando, e a natureza vê que não se trata apenas da criança tresmalhada mas que, a nordeste, para além do lago Ness, se mata e morre, tão intensamente como é costume de qualquer batalha, mas com inusitada rapidez. Começa ali um fim que há-de atingir quem se julgava à margem dessa história, como Lillias, e o monte onde subiu, que se tornará pasto de carneiros e perderá os sentimentos e as trevas.

A mulher a quem Lillias foi entregue não tem força sequer para lhe pegar. Sacode-a contra a estrada, de tal modo que as pedras picam o pequeno corpo e a criança reage. Esfrega os olhos, ergue-se e agarra a saia à sua frente. Todo o seu peso de pessoa socorrida se prende ao pano descorado e quase o rasga, de modo que a mulher a esbofeteia. «Larga», diz ela. Lillias lembra-se das bruxas que são assim, de preto e enrugadas, e então estremece. E fica a estremecer, de medo e frio, na sua camisinha, até que a velha tira um biscoito da algibeira e lho oferece. Prestou pouca atenção à rapariga, estica o pescoço e como que fareja, com o grande nariz. Seja o que for que ela pergunta para o ar, parece achar resposta em Lillias. «De quem és filha?»

«Do Tom Fraser», diz.

«Deus tenha piedade», exclama a velha. E puxa pelo braço da criança, tira-a da estrada, sem ligar aos seus queixumes. Crava os dedos a fundo naquele pulso, pisa a folhagem sem olhar para trás, veloz, veloz demais para a sua

idade. Como se só o braço lhe importasse. O resto da criança vai batendo contra as raízes, contra os espinheiros.

Lillias chora, encostada à chaminé. A velha deu-lhe pão e leite, mas não deixa mais do que um ínfimo torrão de turfa aceso. Chora também, caem-lhe as lágrimas nas rugas, mas ela limpa-as como se quisesse livrar-se apenas duma comichão. Incomodam-na as lágrimas e a criança, e ela dá pequenos pontapés contra o pano da saia. Escuta, entreabre de vez em quando a porta do casebre, ao engano do vento que parece trazer o som dos cascos de um cavalo. Lillias não sabe como vai fazer para regressar a casa, ficou presa pela ignorância do caminho. O seu pequeno corpo, alimentado, reauecido sob dura lã, depressa esquece a provação do dia.

As mãos da velha abanam-na, sem que ela consiga perceber onde se encontra. Na escuridão, o vulto acoradado que a sacode e murmura ao seu ouvido tem um efeito tão assustador que as palavras embatem no seu cérebro como numa armadura. E só depois, muito depois, quando já está sozinha, Lillias entende a intenção dessa mulher. «Não te mexas, não fales. Não fales», repete. E a criança encolhe-se de horror, obedecendo às instruções, sem querer. A mulher puxa a manta para a cobrir e deita-lhe os torrões de turfa em cima. Ela resiste e a velha bate-lhe outra vez. Lillias sente no rosto, na cabeça, os nós daqueles dedos que a empurram desesperadamente para o chão.

Recordará depois, com gratidão, o tempo que a mulher perdeu consigo. Lamentará: «Tivesse-me explicado o perigo que eu corria...». Eram os ossos, as falangetas dela quem

explicava, quem instruía às pressas a criança, enquanto o grito dos ingleses se tornava cada vez mais audível. Lillias pensou no grito com que os bêbedos esconjuravam o pavor dos funerais, pensou em como costumavam assustá-la quando caíam, meio adormecidos, e ainda tentavam agarrar as raparigas. Não tinha mais memória do que aquela. E foi por medo de que a velha lhe batesse que se manteve imóvel sob a turfa, enquanto se morria em seu redor.